

O desenho como instrumento

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

O próprio título está dizendo: "O Desenho como Instrumento". A exposição que se inaugura no próximo dia 9 na Pinacoteca do Estado não é ou não deveria ser propriamente de desenho, isto é, de desenho como fim, desenho acabado. Mas sim — parece que a idéia não foi bem entendida — o desenho como instrumento, como meio, o desenho enquanto "rough" de uma obra posterior, que não necessariamente o próprio desenho, mas a pintura, a escultura, etc.

Não obstante a idéia lançada, a maioria dos 49 artistas que compõem a Cooperativa de Artistas Plásticos de São Paulo fugiu do que foi proposto, alguns até participando com trabalhos datados de mais de 20 anos atrás (caso de Clovis Graciano com um auto-retrato a bico-de-pena).

Em princípio, pois, a mostra tinha a intenção de revelar aos espectadores que caminho cada artista toma para chegar à obra final. Portanto, uma exposição eminentemente didática, querendo mostrar os procedimentos de cada um, como recursos próprios de comunicação.

Esta já é a segunda exposição dos artistas da Cooperativa. A primeira foi aquela realizada no Paço das Artes, que criou celeuma e manifestações de represália por parte de algumas galerias.

"Esta exposição disse Gabriel Borba, um dos coordenadores da Cooperativa, função que divide com Ubirajara Ribeiro — começou a ser pensada naquela exposição de gravuras no Paço das Artes. A comissão encarregada dos estudos preliminares optou por esta mostra que vamos agora inaugurar na Pinacoteca, espaço que nos foi cedido por Aracy Amaral. Pretende ser a mostra didática que reúne rascunhos de desenhos, isto é, o desenho como instrumento de trabalho".

Os desenhos expostos não estarão à venda. A explicação foi de que há uma diversidade muito grande de artistas, desde os mais velhos e consagrados até os mais jovens e novos no metiê. "Isso criaria um problema — diz Gabriel Borba — os nomes conhecidos teriam que vender seus trabalhos por



Trabalho de Gabriel Borba, de instrução para a video-performance "Pequeno mobiliário brasileiro: estofado para guerreiro morto".

preços bastante acima dos nomes que ainda não se impuseram no mercado. Obviamente, muitos não venderiam nada, frente à concorrência dos nomes mais cotados".

A solução encontrada para o impasse foi a edição de um álbum-moldura que encerrasse exatamente 49 trabalhos, um desenho de cada artista-expositor. E o preço do álbum — Cr\$ 2 mil, engloba consagrados e novos democraticamente, um ao lado do outro.

Com tiragem de 2 mil exemplares, esse álbum é uma caixa de madeira que tirando-se a tampa, deixa à vista (protegida por vidro) a gravura que está por cima do pacote, e que pode ser trocada. É um projeto do artista-cooperado Gabriel Zellmeister que acompanhou na Cia. Melhoramentos de Papéis a impressão dos desenhos.

Gabriel Borba dá mais detalhes: "Nós mesmos da Cooperativa pretendíamos editar o álbum, mas surgiu a idéia de Melhoramentos que se propôs a editar dois mil exemplares com opção de mais três mil. A Cia.

Melhoramentos nos deu parte dessa edição, que nós vamos vender na abertura da exposição, por um preço menor que o estipulado para a venda em livrarias.

"Os desenhos deste álbum — esclarece Gabriel Borba — são reproduções muito boas dos trabalhos expostos na Pinacoteca, pelo processo off-set.

A exposição contará com monitores — os próprios artistas que farão plantão, se revezando — nas 3.ª e 5.ª feiras, para atender ao público visitante. Os monitores estarão naqueles dias na Pinacoteca, das 16 às 18 horas e aos sábados às 15 horas.

A mostra vai até o dia 9 de setembro.

Vão expor estes artistas ligados à Cooperativa de Artistas Plásticos de São Paulo: Ademir Martins, Tunes Lizarraga, Arnaldo Papalardo, Caciopore, Carlos Augusto Lacaz, Fajardo, Cassio Michalany, Cláudio Tozzi, Clovis Graciano, Ely Bueno de Andrade, Gabriel Borba, Gabriel Zellmeister, Gerty Sarubi, Gilberto Salvador, Guida

Maia Rosa, Granato, João Xavier, José Carlos César Ferreira (Boi), José Morais, Julio Plaza, Lella Ferraz, Charoux, Gregório, Baravelli, Sacilotto, Marcelo Nitsche, Márcio Périgo, Carmela Gross, Mário Fiori, Maurício Fridman, Maurício Nogueira Lima, Megumi, Newton Mesquita, Odair Magalhães, Odileia Toscano, Rafael Maia Rosa, Rebol, Regina Silveira, Regina Vater, Ricardo Amadeo, Samuel Speigel, Sara Goldman, Selma Dafre, Sergio Fingerman, Tomie Ohtake, Tomoshigue, Ubirajara Ribeiro e Waldir Sarubi.

Preocupações afins

Maurício Fridman e Gabriel Borba (ambos arquitetos) são os fundadores da Cooperativa Geral para Assuntos de Arte, onde realizam juntos ou separadamente obras experimentais, pouco divulgadas por circularem fora dos circuitos de arte convencionais.

Esta Cooperativa atualmente sedia a outra (de Artistas Plásticos) até que se encontre para ela instalações à parte.

Maurício conta que está também na Cooperativa de Artistas Plásticos desde o seu início (a idéia da Cooperativa começou a germinar na exposição de arte em favor da campanha de Fernando Henrique para o Senado).

"Estou na Cooperativa — diz — por alguns motivos que são vitais. Um deles é veicular o meu trabalho, isto é, parte dele. Ou melhor, a parte mais acessível, a um público maior. Os trabalhos experimentais em audiovisual, os álbuns realizados em off-set, os trabalhos em xerox, estes naturalmente continuam tendo tiragens menores, para um público mais restrito.

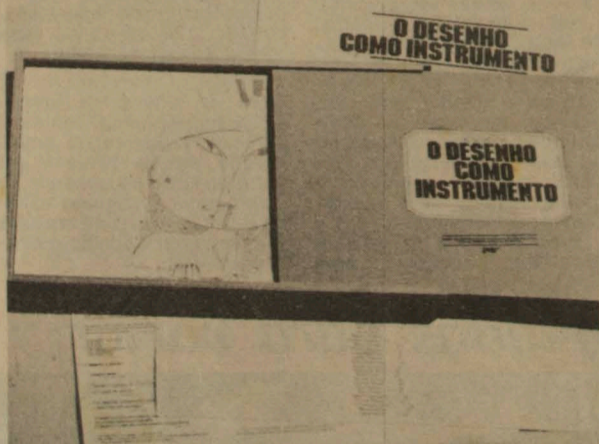
"Para estes me reservo continuar o trabalho que Gabriel Borba e eu iniciamos na Cooperativa Geral para Assuntos de Arte, que se encarrega de editar estes trabalhos e que a Poesia e Arte do Oswaldinho Pepe tem distribuído numa tarefa de criar um circuito paralelo.

"Outra razão — continua Fridman — de eu estar na Grande Cooperativa (a Pequena é a de Gabi e minha) é a necessidade de encontrar gente com preocupações afins. Artista tem problemas, não sabe enfrentá-los, é um solitário em potencial. O encontro das pessoas e a troca de idéias ajuda no encontro de saídas.

"Neste primeiro momento as expectativas com relação à Cooperativa são facilidades na aquisição de materiais básicos, facilidades na produção dos trabalhos, aumento nas possibilidades de divulgação e distribuição dos trabalhos e proteção ao trabalho de criação do artista.

"E ele não espera da Cooperativa: compatibilização das idéias que regem as várias estéticas presentes nos trabalhos dos associados e compatibilização dos posicionamentos ideológicos de grupos, com relação à atuação da Cooperativa".

Diz ainda Fridman: "Creio que a continuidade como organização capaz de interessar, aglutinar e defender o maior número possível de artistas, deve ser conseguida através de uma posição forte, porém equidistante de todas as tendências estéticas e ideológicas de artistas e de grupos dentro da Cooperativa".



O álbum-moldura: sem a tampa vira quadro.



31 dos 49 artistas cooperados, na Pinacoteca.